

Irmão François

## O pão do silêncio é a palavra

Palavra e silêncio: duas realidades que se condicionam mutuamente. Quando há muitas palavras, retiramo-nos em busca do silêncio. Mas uma vez em silêncio, apercebemo-nos do seu carácter assustador. Até uma criança sabe isto: quando deixam de lhe falar, a criança pode sentir-se angustiada, pois tem a impressão de ter deixado de viver, de sufocar.

“O pão do silêncio é a palavra”, para citar Paul Hoppe, um autor suíço desaparecido em 2006. O que nos permite permanecer em silêncio é a palavra. Uma palavra basta para tornar o silêncio suportável, ou até para o preencher por vezes.

Quando queremos ler a Bíblia a sós, recolhemo-nos em silêncio. Mas também é necessário que esse silêncio não permaneça vazio, mas abra as portas a uma substância capaz de o preencher.

Uma leitura pessoal da Bíblia coloca-nos diante de quatro perguntas: Porquê a Bíblia?; O que é, afinal de contas, esta Bíblia?; Como podemos deixar-nos tocar pela Palavra que contém?; e Como deixar que essa Palavra entre depois dentro de nós?

É verdade que estas duas palavras, Bíblia e Palavra, não se sobrepõem. É da Palavra que precisamos, pois ela pode alimentar-nos. Mas esta Palavra chega até nós integrada num todo mais vasto: a Escritura. Foi nesta forma escrita que a Palavra se cristalizou para nós.

Este todo é seguramente demasiado vasto para explorar. Onde encontrar o que procuramos, a Palavra viva? Talvez devamos proceder como quando visitamos uma exposição de um dado pintor: passamos e tornamos a passar diante dos quadros, familiarizamo-nos com eles sem no entanto nos sentirmos arrebatados. Depois, de repente, a dada altura, damo-nos conta da beleza de um dos quadros. Demoramo-nos nesse sítio. Podemos inclusivamente lá voltar várias vezes e, a partir daí, os outros quadros começam a dizer-nos cada vez mais. O próprio pintor torna-se acessível a tal ponto que vemos a realidade à nossa volta de outra forma, através dos seus olhos.

Podemos abordar a Bíblia como abordamos uma exposição assim: tentamos familiarizar-nos com ela até que um texto nos interpele e que os outros depois se revelem. Por fim, o próprio Autor acabará por falar connosco. Abriu o Seu coração e tomamos consciência de que Ele se dirige a um outro coração, o nosso. É assim que começa um diálogo concebido para durar até à eternidade.

### Porquê a Bíblia?

Todas as tradições religiosas têm o seu livro sagrado ao qual têm grande apego. Entre os cristãos a Bíblia ocupou desde sempre um lugar único.

Pode no entanto colocar-se a seguinte questão: não estaremos condicionados? Não existirão outros livros susceptíveis de nos ajudar mais, livros de iniciação à espiritualidade ou que veiculam um discernimento psicológico, livros mais próximos do nosso dia-a-dia, mais sofisticados aos olhos dos homens? Determinada literatura religiosa mais recente não é mais acessível que esta Bíblia que vem de um passado tão longínquo, de uma cultura tão diferente da nossa? Alguns perguntam-se se as escrituras sagradas de outras religiões não serão mais sublimes, menos grosseiras. Porque é que havemos de nos ficar pela Bíblia? Que tem ela de único?

Para responder a isto, gostaria de devolver a pergunta a quem a coloca: e tu, em que plano situas a tua vida? Na vida há seguramente muita coisa a adquirir: conhecimentos, competências, tudo aquilo de que precisamos para viver melhor. No entanto, quando se trata de amor, de agir desinteressadamente, de fidelidade, a partir do momento em que é preciso tomar decisões que vão determinar o rumo da nossa vida, cada um faz apelo ao que em si há de mais profundo, ao seu coração. É então que intervém a confiança que queremos ter, a fé. E não será a este nível que a Bíblia oferece algo de único?

O debate com maior impacto na nossa vida é o da fé. Nada nos expõe tanto como o facto de termos depositado a nossa confiança num outro, de termos confiado em Deus, em Cristo. E não é possível vivermos plenamente dessa confiança sem sermos postos à prova. O próprio Jesus fez alusão a isto quando nos ensinou a pedir “não nos deixes cair em tentação”: quando há o risco de a provação nos fazer perder a fé, que Deus nos livre dela, pois existem situações em que já não sabemos a que nos agarrar.

Perante as dúvidas de fé, haverá algum outro livro capaz de revigorar o nosso coração e de fortalecer os nossos joelhos vacilantes? A Bíblia fala, como aliás não acontece em mais sítio nenhum, do que está no mais íntimo de Deus. Mostra que desejo O impele a procurar uma comunhão com os homens e até onde esse desejo quis chegar: a Bíblia afirma o valor que temos aos olhos de Deus e os caminhos que Deus teve de percorrer para vir ao nosso encontro onde quer que estejamos. Ela mostra-nos até que ponto Deus está solidário connosco quando a desgraça nos bate à porta. E, nesse momento, o que parece infinitamente profundo no coração de Deus revela-se também infinitamente grande. Cada ser humano sem excepção tem nele o seu lugar. Para reunirmos forças não precisamos tanto de mais nada como de ouvir repetidamente esta verdade.

Nem todas as imperfeições deste livro lhe roubam o seu carácter único, comprometem a sua autoridade. É verdade que há muitas coisas que a Bíblia não explica. Deixa-as em Deus, respeitando o Seu mistério. E quanto ao que fica por descobrir ao longo da história, a Bíblia acredita na sabedoria humana. Mas, acima de tudo, aquilo que nos preocupa é que na Bíblia haja relatos ou exigências que mascarem a verdadeira face de Deus tal como acabou por se nos dar a conhecer. Perante isto, é preciso dizer que um livro que foi escrito ao longo de mais de mil anos só pode ser lido de acordo com uma organização que lhe é própria. Na verdade, não se trata de um livro de piedade, mas de um livro que relata a história em que Deus se revela com perseverança e em que o seu povo O vai progressivamente ficando a conhecer. Devemos procurar ter também esta perspectiva: centrar a nossa atenção no desejo que Deus tem de se nos revelar e, pela nossa parte, de participarmos no Seu plano de estabelecer connosco uma estreita comunhão. É neste sentido que a Bíblia coloca definitivamente a nossa existência no domínio da fé.

## Quatro abordagens à Bíblia

Antes de responder à pergunta “o que é a Bíblia?”, gostaria de apresentar brevemente quatro abordagens diferentes do tipo de leitura que dela se pode fazer.

Primeiro, uma máxima de São João da Cruz: “O Pai só disse uma palavra: o Seu Filho. E no eterno silêncio Ele não pára de a repetir. Cabe-nos escutar no silêncio.”

São João da Cruz parece ignorar a multiplicidade de palavras contidas na Bíblia. Segundo ele, todas as palavras transmitidas em nome de Deus no Antigo Testamento ainda não exprimiam o que Deus tinha verdadeiramente no seu coração. Para dizer que a natureza de Deus é ser amor era preciso mais do que meros discursos. Era preciso prová-lo pela carne indo até às últimas consequências da lógica do amor, através de uma entrega plena e definitiva. É esta a Palavra incomparável, uma evidência que nunca poderá ser superada.

Antes desta Palavra reinava um silêncio marcado pela angústia, pois ainda não havia uma verdadeira resposta para os dramas da existência. Depois desta Palavra essencial o silêncio continua, mas tem um carácter completamente diferente. Não haverá outras afirmações com o mesmo peso. Por isso devemos ter cuidado para não encobrir esta derradeira Palavra com considerações demasiado orientadas para nós próprios. Uma Palavra assim só pode ser acolhida no silêncio.

A segunda epístola de São Pedro não fala de silêncio ou de palavras, mas usa outra imagem que vai no mesmo sentido: “E temos assim mais confirmada a palavra dos profetas, à qual fazeis bem em prestar atenção como a uma lâmpada que brilha num lugar escuro, até que o dia desponte e a estrela da manhã nasça nos vossos corações.” (2Pe 1,19)

O carácter palpável deste texto é notável. Encontramo-nos num lugar completamente às escuras. Reina a escuridão total. Apenas uma pequena luz nos ilumina. Contemplamo-la enquanto continuamos à espera.

É preciso reter esta expressão: olhar para a Palavra. Uma vez tomada como um todo, a Palavra torna-se luz. Sendo luz, reclama acima de tudo que o nosso olhar permaneça fixo nela. Silenciosamente. E quando o dia amanhecer, dar-nos-emos conta de que através desse olhar fiel pousado sobre a Palavra, Cristo, a estrela da manhã, terá entrado no nosso coração.

O terceiro testemunho que gostaria de referir sublinha de modo particular a ligação entre as Escrituras e a fé: “a Sagrada Escritura”, diz São Paulo a um dos seus colaboradores mais próximos, “pode instruir-te em ordem à salvação pela fé em Cristo Jesus” (2Tm 3,15).

Se as Escrituras nos dão a conhecer essa salvação única que se cumpriu em Cristo e que se abre a nós pela fé, fazem-no dando-no-la a provar. A palavra “sabedoria” significa mais que “conhecimento”, sugere um conhecimento pela experiência: as Escrituras permitem-nos “saborear” a salvação.

Não devemos ficar desconcertados por nelas haver muitas passagens em que se diz “não” aos projectos dos homens, bem como aos seus desejos, fraquezas e ilusões. Esses “nãos” visam as pretensões e as ilusões que não podem conduzir à salvação, enquanto abrem simultaneamente um caminho que conduz à gratuidade própria da salvação. E mostrando-nos o sabor desta gratuidade, a Bíblia ensina-nos a não gostar das coisas que não têm este sabor.

O tema do sabor traz-nos a uma quarta abordagem possível. O filósofo judeu alemão Franz Rosenzweig, desaparecido em 1929, definia assim a diferença entre a leitura da Bíblia

e a de qualquer outro livro: no caso destes últimos, dizia, basta lê-los para conhecer o seu conteúdo. “Para aprender o que está na Bíblia são precisas duas coisas: escutar o que ela diz e estar atento ao bater do coração humano. A Bíblia e o coração dizem a mesma coisa.”

Porquê esta insistência no bater do coração humano? É verdade que uma abordagem abstracta e puramente intelectual passa frequentemente ao lado da intenção dos textos bíblicos, conduzindo inclusivamente a grandes equívocos. A forma como a Bíblia descreve o amor de Deus, a Sua fidelidade, o fervor, as dificuldades e as súplicas desse amor só pode ser compreendida se nós mesmos experimentarmos estas realidades. A linguagem da Bíblia perde a sua força se não usarmos todos os recursos do coração humano. Só um coração capaz de vibrar com o que neste livro se pode vislumbrar do coração de Deus o pode compreender.

## O que é a Bíblia?

Esta pergunta requer uma resposta dogmática, mas, aqui, coloco-a do ponto de vista daquele que tenta fazer uma leitura pessoal da Bíblia. Que pode significar a Bíblia para essa pessoa? O que pode encontrar nela?

Em primeiro lugar, parece-me, o testemunho único e indispensável sobre a pessoa de Cristo. Sem a Bíblia que saberíamos nós de Jesus? Que saberíamos da sua vida, da sua morte e da sua ressurreição se não tivéssemos os Evangelhos? Quem nos explicaria tudo o que decorre do mistério pascal se os apóstolos não nos tivessem deixado os seus escritos? A sua própria fé e a sua matriz humana seriam incompreensíveis para nós sem os grandes textos fundadores do Antigo Testamento. Não existe nenhum outro caminho que conduza à verdade de Jesus que não a Escritura.

É precisamente neste sentido que a Bíblia pode dizer-se “inspirada”. Ela garante o conhecimento verdadeiro sobre Cristo. É verdade que por detrás dos textos bíblicos podemos procurar uma outra verdade sobre Jesus dizendo que os seus autores manifestam a influência da cultura do seu tempo, a influência de determinados preconceitos ou de um esforço de embelezamento. Também podemos preferir confiar nos Evangelhos apócrifos ou optar por certas hipóteses ditas “científicas” para chegar a uma imagem mais acessível de Jesus, uma imagem que esteja mais de acordo com os nossos desejos. Mas os factos mantêm-se: para aquele que arrisca a sua vida para seguir Jesus, só a Bíblia tem o poder de o pôr a caminho. Este testemunho evidencia aquilo que se tem demonstrado válido e amplamente comprovado.

Ao afirmar isto não pretendo fazer do cristianismo uma religião do Livro. A nossa fé está sempre ligada a Cristo vivo. É Ele que a fé escuta e quer seguir. É Ele, enquanto Senhor Ressuscitado, que tem autoridade nas nossas vidas. Mas é pelo testemunho escrito que Cristo se torna presente para nós. Sem esse testemunho, ficar-nos-íamos por interpretações relativas e sem força. Nada poderá superar este livro.

Ainda assim, não basta apresentar a Bíblia como o testemunho insubstituível sobre Cristo, porque esta integra esse testemunho num longo diálogo, um diálogo entre Deus e os seus. E este testemunho não cai do céu. Foi preparado por um diálogo e assume a forma de diálogo.

Para que o Seu Filho nascesse no meio dos homens, Deus teve de preparar a terra através de uma história profundamente singular, circunscrita a um único povo. Este facto permanecerá sempre um grande mistério para nós. A semente de vida divina não podia

ser depositada no coração da humanidade sem que anteriormente tivesse sido feito um longo sulco na terra, um sulco profundo rasgado entre fracassos e corações partidos. Um percurso idílico não teria preparado a nossa terra para receber a Cristo, pois a relação entre Deus e os homens não se situa nesse plano. Aceitemos, assim, as etapas desse diálogo, aceitemos as suas imperfeições. Através desse longo diálogo desenha-se o verdadeiro rosto de Deus. O próprio Cristo soube que toda a sua missão tinha de se inscrever dentro das grandes limitações desse caminho único.

O testemunho dado pela Bíblia e o diálogo de que ela nos dá conta situam-se no passado, mas não se ficam pelos profetas, pelos evangelistas e pelos apóstolos. Prolongam-se no tempo, embora não com a mesma autoridade. De facto, não vamos acrescentando outros livros à Bíblia. O nosso papel é diferente: o testemunho da Bíblia tem de ser confirmado pelo nosso, senão não tem efeito. A Bíblia só tem autoridade se a Igreja demonstrar através da sua vida que o seu testemunho é verdadeiro, tão verdadeiro que as testemunhas estão dispostas a dar a vida por ele. Se a Bíblia se reduzir a um documento do passado, a um livro morto cujo sentido só se revela por meio de uma sofisticada exegese, então temos de nos questionar. A Bíblia continuará no entanto a falar no presente se nos comprometermos a ser a “carta de Cristo” que São Paulo diz ter sido escrita “com o Espírito do Deus vivo (...) em tábuas de carne que são os nossos corações” (2Cor 3,3).

Hoje em dia ninguém põe em causa que as dificuldades de leitura da Bíblia decorram do facto de as suas raízes se encontrarem num passado longínquo e numa cultura milenar. Até à última grande guerra veneravam-se as coisas antigas, mas o extraordinário desenvolvimento da técnica provocou uma reviravolta radical na percepção que temos do passado: o antigo passou a ser considerado ultrapassado, inadaptado, inútil. Assim sendo, como é que podemos continuar a ter a Bíblia como referência?

Não é só a técnica que põe em evidência a distância no tempo. A sociedade secularizada em que vivemos priva-nos de todas as referências de que necessitaríamos para compreender noções bíblicas tão fundamentais como redenção, santidade, arrependimento, vida nova. Para ultrapassar estas dificuldades, não bastam receitas ou artifícios intelectuais. É preciso uma nova linguagem e essa nova linguagem exige que voltemos a passar pelo cadinho da nossa vida. Mesmo compreendendo muito pouco, quando a nossa própria vida se transformar numa carta de Cristo, tornaremos a Bíblia novamente audível, legível e até mesmo visível. Nos seus escritos de cativo, Dietrich Bonhoeffer sentiu profundamente esta dificuldade com que somos hoje confrontados. Este autor sabia que ainda não tínhamos essa nova linguagem. Tudo o que podemos fazer, dizia, é “rezar e agir correctamente... e o tempo de Deus chegará”.

## **Como podemos deixar-nos tocar pela Palavra?**

Podemos ler a Bíblia simplesmente para aumentar o nosso conhecimento ou para ver a nossa fé confirmada. Não há nada de mal nisso. Uma leitura pessoal da Bíblia procura ir mais longe. Faz-nos entrar em diálogo, um diálogo que interpelará o nosso coração e nos irá expor.

Uma leitura pessoal da Bíblia expõe-nos porque tentamos acolher conscientemente a palavra de um Outro. Em vez de nos ficarmos, como habitualmente, pelo que se passa dentro de nós, esforçamo-nos por escutar uma voz que não vem de nós, que nos interpela e nos liberta do que nos aprisiona e nos isola, uma voz que tem uma opinião de nós diferente daquilo que pensamos de nós mesmos. Será que sabemos deixar que essa voz

nos desinquiete, nos diga coisas de que não nos apercebemos, nos revele aquilo que não queremos ver?

Alteridade da Palavra! Porque esta palavra não está ao mesmo nível que os discursos que se ouvem à nossa volta, nem se confunde com as ideias que nos habitam. A Palavra de Deus apresenta-se talvez de uma forma mais pobre, pode mesmo parecer menos interessante, mas distingue-se fundamentalmente pela fonte de que provém, pois testemunha esse mistério que está na origem de tudo e que tudo sustém, esse amor que nunca poderíamos ter concebido por nós próprios.

Neste sentido, a Palavra tem sobre nós uma autoridade única. Não é uma autoridade que se impõe arbitrariamente sem ter em conta o que somos, mas a única e verdadeira autoridade que nos faz ser e crescer. Quem acolhe esta Palavra ousa expor-se à sua alteridade e arranja na sua vida o espaço necessário para que esta se faça ouvir. Afasta tudo o que possa atravancar esse espaço. Deseja que esta Palavra seja uma companheira ao longo de toda a sua vida e para isso habitua-se ao silêncio.

Insistir desta forma na alteridade da Palavra não significa de todo mantê-la fora de nós. Orígenes, um dos primeiros Padres da Igreja, sublinhou energicamente o facto de a Palavra que vem a mim corresponder àquilo que dentro de mim está à espera. Se pudéssemos comparar a Escritura a um poço, a uma fonte, “também seria verdade que cada uma das nossas almas seria um poço de água viva”. “A acção de Cristo como Verbo de Deus no tempo presente consiste em remover a terra das nossas almas, libertando a fonte que nelas se encontra”. Assim, ainda que a Palavra deva vir até nós a partir de fora para remover o que impede a fonte de correr, ela não nos é estranha. A Palavra liberta dentro de nós o que é já de Deus. Aquele que fala na Palavra, falará também no mais profundo de si próprio.

Para nos deixarmos tocar pela palavra é preciso muita simplicidade. O caminho percorrido pela Igreja ao longo dos séculos dependeu muitas vezes de homens e de mulheres que confiaram na Palavra e a puseram em prática sem hesitar. Mesmo compreendendo muito pouco, esse pouco era para eles tão evidente e tão urgente que não podiam fazer outra coisa senão pô-lo em prática. O autor do Salmo 119 diz muito claramente que não é conveniente escondermo-nos atrás da competência de pessoas com mais experiência, os mestres (v.99): devo ousar expor-me, “colocar a minha vida continuamente em perigo” (v.109), porque agora é o próprio Deus que “me ensina” (v.102); cabe-me então “apressar-me e não demorar em cumprir o que aprendi” (v.60).

Nesta simplicidade há necessariamente uma parte de solidão. Devo assumir esta solidão perante a Palavra, porque esta me interpela pessoalmente. Devo assumi-la particularmente nos momentos em que me deixa pouco à vontade. Muito frequentemente, de facto, a Palavra coloca-me numa fronteira: como passar do que parece humanamente impossível ao que pode ser possível com Deus? Sentir-me-ei tentado a refugiar-me em considerações teóricas ou a esconder-me por detrás da opinião de outras pessoas, ou estou preparado para estar a sós com a Palavra? Esta interpela o mais profundo do meu ser e aponta para o que ninguém pode fazer em vez de mim.

Tal como aconteceu no passado, em que a tradição envolveu de tal forma a Palavra que lhe retirou a sua força explosiva, corremos o mesmo risco hoje em dia devido ao grande desenvolvimento dos estudos exegéticos, que podem, também eles, introduzir um filtro, paralisando-nos com demasiadas informações, verificações e análises. É preciso reconhecer, no entanto, que, na realidade, tanto a tradição como o trabalho exegético podem ajudar-nos de forma determinante a confrontarmo-nos com a Palavra: a tradição (sobretudo

a mais antiga) pela sua profunda preocupação em não se afastar da Palavra, mas de a aplicar no presente; e o trabalho exegético, ao pôr em evidência as circunstâncias em que surgiram os textos, permite-nos fazer analogias com as nossas circunstâncias presentes.

A solidão necessária a uma leitura pessoal da Bíblia deve ser bem digerida. Ao procurar deixar-me tocar pela Palavra, não posso manipulá-la e fazê-la dizer aquilo que me convém, pois esta Palavra não me pertence. É “outra” e essa alteridade tem de ser respeitada até ao fim. A Palavra pertence Àquele que a disse e que a confiou a uma comunhão de crentes de todos os tempos e de todos os lugares. Até na minha solidão, a Palavra chega até mim graças a uma obediência que atravessou séculos. A leitura que faço dela, partilho-a com toda a Igreja, com todos os “santos” que dela viveram intensamente. Se esquecesse a Palavra, poderia iludir-me relativamente a mim próprio e ao mesmo tempo afastar-me de uma prática verdadeira. Expor-me à Palavra implica respeitá-la como algo que não é nem será minha propriedade pessoal.

## **Como deixar que a Palavra entre dentro de nós?**

Deus chega até nós pela sua Palavra. O encontro com Ele não começa com o que surge dentro de nós, com sentimentos mais ou menos precisos. Nem sequer a busca do vazio dentro de nós é o primeiro passo. Deus dirige-se a nós de forma inteligível para obter uma resposta consciente e livre. No entanto, essa Palavra que vem até nós quer tornar-se palavra interior. Não é apenas anúncio ou mandamento. Tem o poder de nos fazer renascer (Jo 1,12; Tg 1,18; 1Pe 1,23) e este nascer de novo, este transformar-se, é algo que a Palavra pode fazer reiteradamente em cada dia.

Posto isto, como fazer para que esta Palavra se torne verdadeiramente nossa? Num texto muito conhecido, Guiges II da Cartuxa identifica quatro etapas diferentes: leitura, meditação, oração e contemplação. Apoiando-se no texto de Mateus 7,7, este autor sublinha que se a leitura busca, a meditação encontra, se a oração pede, a contemplação saboreia. “A leitura, diz este autor, leva como que os alimentos à boca, a meditação mastiga-os e tritura-os, a oração sente o seu sabor e a contemplação é a doçura plena que alegra e retempera. A leitura está na casca, a meditação na polpa, a oração na suscitação do desejo e a contemplação na felicidade da doçura recebida.”

A Palavra surge como alimento. Deve ser “ingerida” lentamente para que dela possamos extrair todos os nutrientes que contém. “Ruminamo-la” demoradamente, pois é assim que se torna assimilável, capaz de penetrar em nós. Na verdade, ela é-nos dada para conosco ser um só corpo e entrar na nossa corrente sanguínea espalhando a energia e o calor que lhe são característicos. A comparação com o alimento mostra claramente que a assimilação da Palavra não se fica ao nível intelectual, mas envolve todo o nosso ser, o corpo e a alma.

Antes de nos debruçarmos sobre a primeira das quatro etapas de Guiges II é preciso relembrar que o acolhimento da Palavra pressupõe, como aspecto fundamental, uma atitude de escuta. Sabendo de Quem vem, rendo-me à Palavra. Não posso sequer contentar-me com um silêncio meramente exterior. É no profundo do ser que deve haver receptividade, um estar desperto, uma abertura.

O servo do Senhor descreve esta atitude nos seguintes termos: “Cada manhã Deus desperta os meus ouvidos, para que eu aprenda como os discípulos. O Senhor Deus abriu-me os ouvidos” (Is 50,4-5). Repetidamente, em cada manhã, os ouvidos que correm o risco de ficar adormecidos precisam de ser despertados e arrancados à sonolência. E dado que

facilmente podem continuar fechados, é preciso que Deus os abra, os destape, os “abra” como diz ainda um outro texto (Sl 40,7). Nesse momento estou perante Deus como um “discípulo”, como alguém que não afirma já saber tudo, mas que se vira expectante para o Mestre à espera de conhecer a sua vontade.

Devo fazer com Deus o mesmo que quando escuto qualquer outra pessoa. Não me limito a registar formalmente o que é dito. Escuto para além das palavras ditas para captar aquilo que não chega a ser dito. O meu olhar e o meu coração estão concentrados na minha escuta. Relativamente a Deus também procuro perceber o que é que a Palavra me diz a mim, ouvir o som da Sua voz. Esforço-me para discernir os traços de um rosto. A escuta nunca é passiva. Um ouvido aberto permanece sempre alerta. “Quem tem ouvidos, oiça!”

Na leitura, há uma outra exigência para além desta atenção que é necessária na escuta. Quando estamos perante um texto escrito, aquele que se nos dirige não está presente para corrigir aquilo que não compreendemos bem ou para nos chamar a atenção para o que nos escapou. Temos de ser nós mesmos a fazê-lo. É assim necessária uma maior concentração. Cabe-nos a nós insistir nestes aspectos por nós próprios.

Desta forma, a leitura supõe um esforço especial de atenção: pesar as palavras, observar os detalhes, visualizar a situação, questionar a intenção do texto; em vez de instrumentalizar o texto, ir ao seu encontro e respeitá-lo tal como é; convocar todos os sentidos: “ver” tudo o que está em jogo num texto, repetir para si próprio os gestos referidos, tocar e sentir.

Depois da leitura vem a meditação propriamente dita. Se há uma diversidade de métodos adequados a diferentes personalidades, deve haver também algo que é essencial em qualquer meditação. De facto, a Palavra não se assemelha apenas ao alimento, pode comparar-se também a uma semente. Ora, se esta deve morrer na terra para aí disseminar a sua substância e dar fruto (ver Jo 12,24), também precisa de terra boa, generosa, que seja capaz de lhe dar as substâncias necessárias (Lc 8,15). Por duas vezes fala-se de substância: a da Palavra, que deve entrar em nós, e a da terra acolhedora (o coração), que deve dar o melhor de si.

Guigues II dizia que “a meditação está na polpa”. De facto, esta busca a essência da Palavra. A exemplo do que fazemos com uma noz, descascamos a palavra bíblica para chegar ao que é comestível. Ou, para usar ainda outra imagem, esprememo-la como uma laranja para poder aproveitar todo o sumo que contém. A essência da Palavra é sempre aquilo que vem do Coração de Deus. É isso que é preciso procurar e que não podemos deixar de procurar até encontrarmos, porque a “meditação encontra”, lembra Guigues.

A nossa própria essência deve entrar também no trabalho de meditação, pois a Palavra precisa de tudo aquilo que somos para poder dar fruto em nós. A terra do nosso coração não deve ser uma terra ingrata, nem uma fina camada superficial. Todas as energias de que o coração dispõe são necessárias para que a semente, morrendo, encontre aquilo de que precisa para fazer nascer e crescer uma planta e um fruto, pois o objectivo é que a Palavra se torne tão nossa que deixemos de precisar de no-la lembrar, mas que trabalhe também dentro de nós “por si” mesma (Mc 4,28), quase sem darmos por isso.

Podemos colocar um texto no nosso coração memorizando-o, dando assim progressivamente mais vibração e cor às palavras. Podemos deter-nos num ou noutra aspecto, olhar para ele sob todas as perspectivas possíveis e imaginárias e assim colocarmo-nos no texto como se fôssemos um dos participantes. Podemos também destacar os pontos mais relevantes e aprofundá-los demoradamente levantando questões e questionando-nos a nós



mesmos. O importante é saber-mo-nos constantemente interpelados pelo texto, como se este nos dissesse: “aqui, é de ti que se está a falar”.

Assim, a meditação torna-se oração. Oração que bate à porta para que “o Coração de Deus se abra nas palavras de Deus”, nas palavras de S. Gregório o Grande. Oração que leva todo o nosso ser a comprometer-se a não se desviar nem um milímetro da influência da Palavra. Sobretudo uma oração que transforma a Palavra dada em diálogo, no qual o “Tu” está onde se trata de Deus e de Cristo, e o “eu” onde se fala dos homens. Um versículo difícil como Jo 17,19 torna-se muito mais terra a terra quando faço esta oração a partir dele: “Tu entregaste-te totalmente por mim, Jesus, para que também eu seja inteiramente teu: Tu deste-te sem reserva ao Pai e nessa dádiva de Ti mesmo deixas que seja agora eu a dar-me, algo que não seria capaz de fazer por mim mesmo.”

A propósito de uma oração como esta, Guigues II observa com grande perspicácia que se a meditação está na polpa, “a oração está na suscitação do desejo”. Quando a Palavra se torna oração, desperta desejos, faz nascer intuições. Transformar um texto em diálogo torna-o mais próximo e permite-lhe ao mesmo tempo impelir-nos para a frente. Quem reza abre-se ao Espírito e o Espírito dá a vida (2Cor 3,6). O Espírito tem o poder de tornar um texto desejável, realizável, de lhe dar vida.

Nesse momento a escuta transforma-se a pouco e pouco em olhar, contemplação. As questões inevitáveis - “como fazer?”, “até onde ir?” - perdem a sua pungência. A Palavra recebida estabelece um silêncio. Cabe a Deus dar o que ordena, cabe-nos a nós dar-Lhe o espaço necessário para que realize isso. Se Deus nos permitiu compreender o que espera de nós, também fará com que tal se realize. Cabe-nos acompanhar a Sua maneira de fazer as coisas, sem tentar tomar a dianteira, mas antes procurar ter a percepção de que Deus vai à nossa frente e nos prepara para permanecermos em sintonia com a Sua vontade.

A contemplação bíblica não consiste em aceder a verdades intemporais, mas em abandonar-se ao plano de Deus. Tentamos ver mais além para acompanhar as intenções do plano de amor de Deus para os homens, intenções que devem realizar-se na terra e ao longo da história. Nesse momento, apesar de estarmos empenhados de corpo e alma, deixamos de ter a necessidade de controlar os acontecimentos. A grandeza do amor de Deus ensinou-nos a dar-Lhe todo o espaço necessário e a não agir antes de tempo. É o Seu plano que deve realizar-se tal como Ele pretende. O nosso olhar transforma-se em espera, em “espera contemplativa”, como dizia o Irmão Roger.

A forma como recebemos a Palavra cumpre o seu objectivo neste olhar de fé. Tocando-nos desta forma tão profunda a Palavra coloca toda a nossa existência a esse nível, de modo a que possamos avançar acreditando e trazendo dentro de nós a felicidade que a fé nos dá.